

13 March –
2 May 2015

Opening: 13 March, 10 pm

Tuesday to Saturday
2 – 7 pm

Restless André Romão

VERA
CORTÊS
ART
AGENCY

Photography: BrunoLopes

Av. 24 de Julho, 54 – 1º E, 1200-868 Lisbon, Portugal (+351) 213 950 177 (+351) 924 288 333 www.veracortes.com

A Vera Cortês Art Agency apresenta *Restless*, a primeira exposição individual de André Romão na galeria.

Restless constitui-se como um corpo de trabalho autônomo, desenvolvido no seguimento de projetos recentes como os apresentados no MACRO, em Roma (2014) ou no Green Parrot, em Barcelona (2015), e que inflete a prática de André Romão, projetando-a numa direção menos analítica, mais exploratória e especulativa, por vezes não distante de um legado surrealista entrecruzado com uma sociabilidade comunal pós-autonomia operária, onde fantasmas se materializam e desmaterializam ao som da sua própria capacidade enunciativa e onde os atos de olhar e ser olhado, por exemplo, configuram processos económicos, tornando-se ferramentas de produção de desejo, trabalho e lucro.

The illusion of anti productivity and A state of permanent euphoria (ghosts), uma nova peça em vidro acrílico, composta por dois elementos transparentes, verticais e silenciosos, ocupa o espaço expositivo de forma aparentemente transitória. Estão e não estão, simultaneamente, no espaço e esta aparente impossibilidade ontológica, característica fundamental do ser-se fantasma, permite-lhes ocupar um território discursivo em que a sua capacidade de articulação, e consequente possibilidade de materialização de abstrações políticas, se relaciona diretamente com a possibilidade da sua existência e não com a possibilidade de serem percebidos (vistos). Já em *How to kill a ghost*, essa mesma capacidade enunciativa é articulada pela imaterialidade de quem se dirige de forma direta ao espetador. Essa voz, que assume a forma/corpo de outra estrutura de acrílico transparente, semelhante às anteriores, tenta articular não só uma tensão entre formas materiais e imateriais de corporalidade e destas com os sistemas invisíveis que atuam sobre os corpos, como tenta também reclamar a substituição de um corpo social por um corpo real, através de ideias de anti-produtividade oriundas dos movimentos autônomos italianos.

A ideia de corporalidade, o ser-se corpo, e a sua manifestação material é continuada em *Shell (mineral eroticism)*, uma nova série de fotografias onde diferentes búzios são-nos dados a ver por um jovem nu e cuja presença se limita a uma função de suporte. Tal como um plinto ou talvez um fantasma (os plintos são fantasmas), a sua função é suportar, ou dar a ver, um outro corpo, um objeto de desejo (que deseja), que é visto, e que nos olha de volta. O búzio, podendo ocupar simultaneamente uma posição de sujeito desejante e/ou objeto desejado, mas também, e talvez sobretudo, enquanto objeto escultórico, tem vindo a tornar-se um elemento estruturante da prática de André Romão. O ato de ver, e a sua relação com o desejo enquanto potencial força económica é materializada em *Looking (prospection/exchange/profit)*, um vídeo de um olho a pestanejar, em *loop*. O olho-monitor apresenta um tal grau de artificialidade/alteridade/imaterialidade, que o distancia da sua simples função biológica e o projeta enquanto olho-sem-corpo, autônomo, como produtor de desejo. O olho vê e deseja; é o que ele é e é o que ele produz. Nada existe para além disso.

A dialética que André Romão estabelece entre formas materiais e imateriais de corporalidade e a sua relação com o ato de ver enquanto gesto erotizante, articula assim uma possibilidade de capacidade enunciativa e constitui-se, nesse processo, como um proto-fenómeno económico, onde desejo, troca, e lucro se revestem da mesma relevância, enquanto dimensões fundamentais da organização social de grupos e da experiência humana.

Vera Cortês Art Agency presents *Restless*, André Romão's first solo show in the gallery.

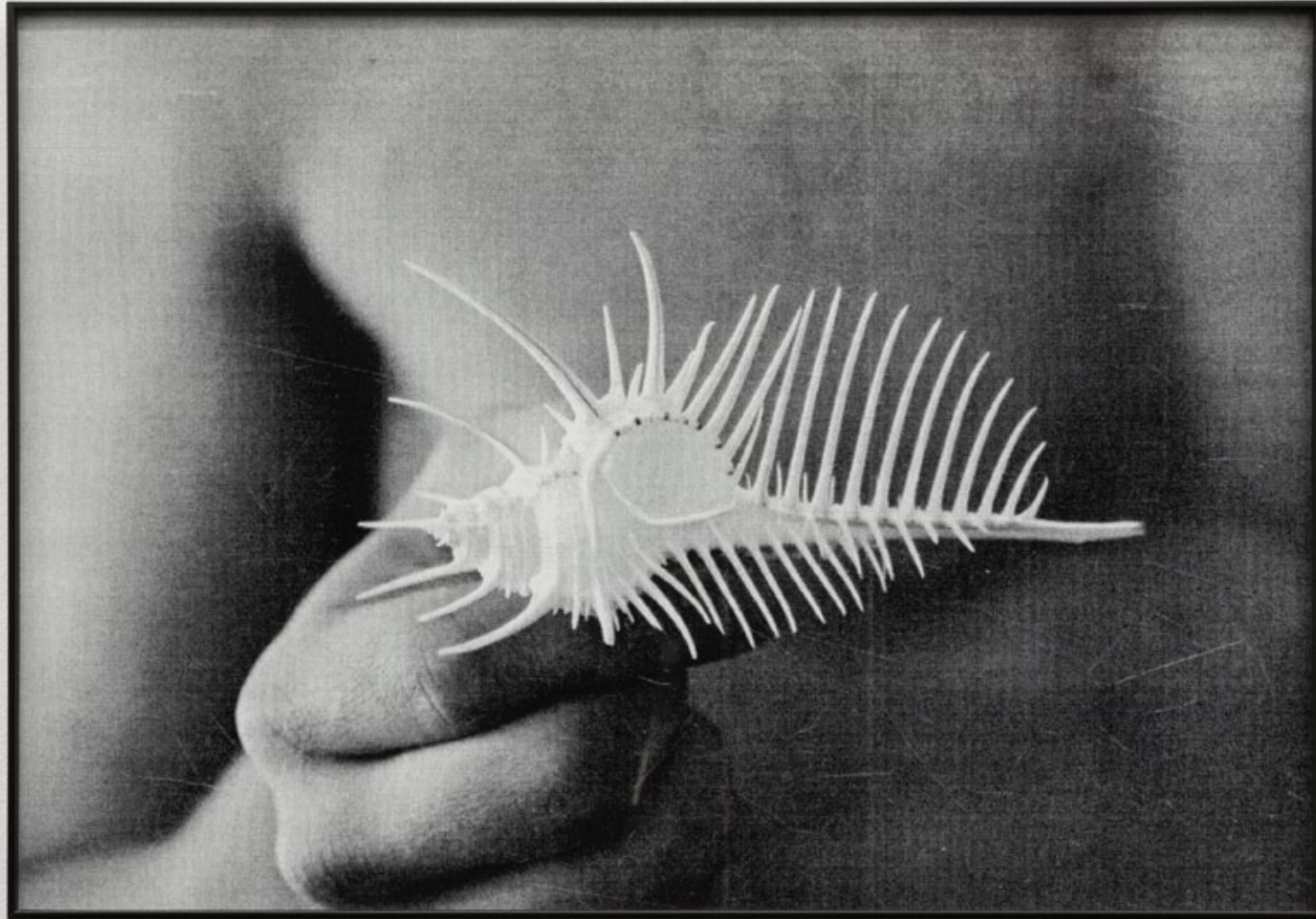
Restless is an autonomous body of work developed in the wake of the recent projects presented at MACRO, in Rome (2014), or at the Green Parrot, in Barcelona (2015). These works represent an inflection of Romão's practice, and a shift towards a less analytical, more exploratory and speculative direction, often not distant from a surrealist legacy that has been mixed with *autonomia operaia* communal sociability, and with a certain postmodern idea of the cult of the body. Here, ghosts materialize and dematerialize to the sound of their own formulative capacity, and the actions of looking and be looked at, for example, configure economic processes, and become tools that produce desire, work, and profit.

The illusion of anti productivity and A state of permanent euphoria (ghosts), a new piece in acrylic glass – transparent, vertical, and silent – occupy the exhibition space in a seemingly transient way. Being both present and absent from the space, they evoke this ontological impossibility, the fundamental characteristic of ghosts, which allows them to occupy a discursive territory in which their capacity to articulate, and to materialize political abstractions, directly relates to the possibility of their existence and not with the possibility of being perceived (seen). In *How to kill a ghost*, however, this same formulative capacity is articulated by the immateriality of someone who directly addresses the spectator. This voice, assuming a shape/body of another transparent acrylic structure, similar to the others, tries to articulate not only a tension between material and immaterial modes of corporeality and between those and the invisible systems actuating on the bodies, but it also tries to claim the replacement of a social body with a real body, using the ideas of autonomous Italian movements calling for anti-productivity.

The idea of corporeality, being a body, and its material manifestation is continued in *Shell (mineral eroticism)*, a new photographic series. Different sea shells, conches, are shown to us by a naked young man whose presence is limited to his function as a support. Just like a plinth, or perhaps a ghost (plinths are ghosts), his function is to hold, or show, another body, an object of desire (which, in turn, desires), and that looks back at us. The sea shell, occupying both a position of desiring subject and/or desired object, but also of sculptural object, has progressively become a structural element of Romão's practice. The act of seeing, and its relation to desire as a potential economic force is materialized in *Looking (prospection/exchange/profit)* a video loop depicting a blinking eye. The monitor-eye displays such a degree of artificiality/otherness/immateriality that it is stripped from its simple biological function and projected as eye-without-a-body, autonomous, as a producer of desire. The eye sees and desires; it is what it is and it is what it produces. There is nothing more beyond that.

The dialectic established by André Romão – between material and immaterial modes of corporeality and their relation to the act of seeing as an eroticizing gesture – articulates a possibility for a formulative capacity and, in that process, constitutes itself as an economic proto-phenomenon where desire, trade, and profit have the same significance as fundamental dimensions of social organization and of human experience.





Shell (mineral eroticism) 1, 2015

C-print

62.5 × 75 cm

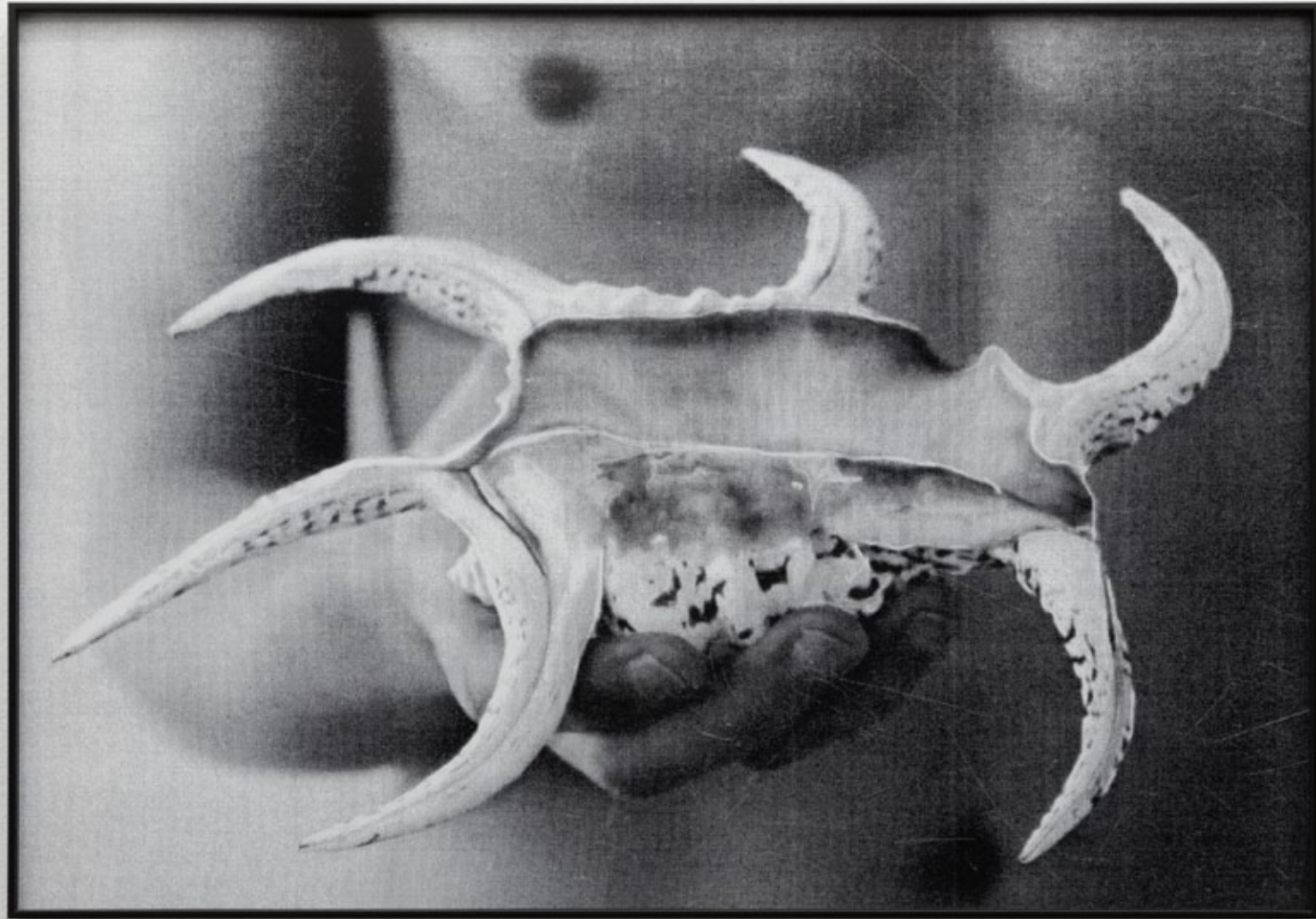






*The illusion of anti-productivity and
A state of permanent euphoria (ghosts)*, 2015
Plexiglas
Acrylic glass
175 x 45 x 45 cm (cada/each)





Shell (mineral eroticism) 2, 2015
C-print
62.5 × 75 cm





Looking (prospection/exchange/profit), 2015
DV PAL video 4:3, p/b, s/ som, 00'03" loop
DV PAL video 4:3, b/w, silent, 00'03" loop





How to kill a ghost, 2015
Plexiglas, altifalante, som
Acrylic glass, speaker, sound
170 x 45 x 35 cm
4'24'' loop

How do you kill a ghost? how can one pierce non-flesh, destroy a non-body?

I ask you, as I stand here... looking at you... with your... skin exposed... a surface for light to shine upon... a large responsive organ, wrapping you... as a... as a screen... a touch screen, some sort of interface... and... for once... it is not just an image... it is something else... exhaling warmth... and if you pierce it... it bleeds... and all is alive... all is electric somehow...

And you... you inhabit this freed time... anti-productive... highly eroticised... so tell me... how does... how does it feel? how does it feel to be able... to reverse this process... this process of permanent excarnation? and... all of a sudden... it bleeds if you spear it... it does... it does respond in unprogrammed ways... and you know you are thirsty... and you know you are hungry... and... and you urge to be touched, and to touch as well, to engage in this... in this unconsummated form of... cannibalism... you just... have a taste of it... sink your teeth in it... you press your lips around it... but you ingest nothing... and still... you are somehow... satisfied! well... not all of us are...

And... in this pitch black darkness... you know you can't see me... you can't see yourself either, can you? but... but you know you are here... you can probably feel that you have a body... or rather... you feel that you are a body... death-bound, fragile... but still... still able to become something rather than a subject...

I can see you now... the glow of your skin illuminates the whole room... your actions imply consequences... you know that... and you know you could... you could die... just... about... now... don't you? tell me dog eyes, how do you kill what is not living? How can you destroy... abstraction... systems... how would you know?

Your body is a gun... shiny... a splendid animal! and... you can demand all, refuse any kind of sacrifice... as you are no longer willing to sacrifice your body, your desires... just dance... you... just... dance... and you have to know... how do you kill a ghost?

Como se mata um fantasma? Como perfurar não-carne, destruir um não-corpo?

Pergunto-te... aqui sentado a olhar para ti, para a tua pele... exposta... uma superfície que reflecte a luz do sol... um enorme órgão que responde e te envolve como... como um ecrã... um touch screen, um interface... e desta vez não... não é só uma imagem, é outra coisa... algo que emana calor e se o perfurares sangra... e tudo está vivo e eléctrico de alguma forma.

E, habitas este tempo libertado... anti-productivo... altamente erotizado... e diz-me... como se pode reverter este processo permanente de excarnação? Porque... se o perfurares, sangra... e responde de maneira não programada... e sabes que tens sede e sabes que tens fome... e queres que te toquem... e queres tocar também, participar nesta forma não consumada de... canibalismo... só provas um pouco, cravas os dentes na pele... encostas os lábios... mas não ingeres nada! E ficas de qualquer modo... satisfeito! Mas... nem todos ficamos...

E... nesta escuridão total... não vês, não te vês sequer a ti! Mas... sabes que estar aqui... consegues sentir que tens um corpo... ou melhor, consegues sentir que és um corpo... frágil mas que consegue ser algo mais que um sujeito...

Consigno-te ver agora... o brilho da tua pele ilumina toda esta sala... as tuas acções têm consequências... tu sabes... e sabes que podes morrer... a qualquer momento... não sabes? Então diz-me... como se mata o que não está vivo? Como se destroem sistemas? Abstracções?

O teu corpo é uma arma... um animal esplêndido... E... podes exigir tudo! Recusar qualquer tipo de sacrifício... já não podes sacrificar o teu corpo, os teus desejos... tu danças... tu danças... mas tens de saber... como se mata um fantasma?



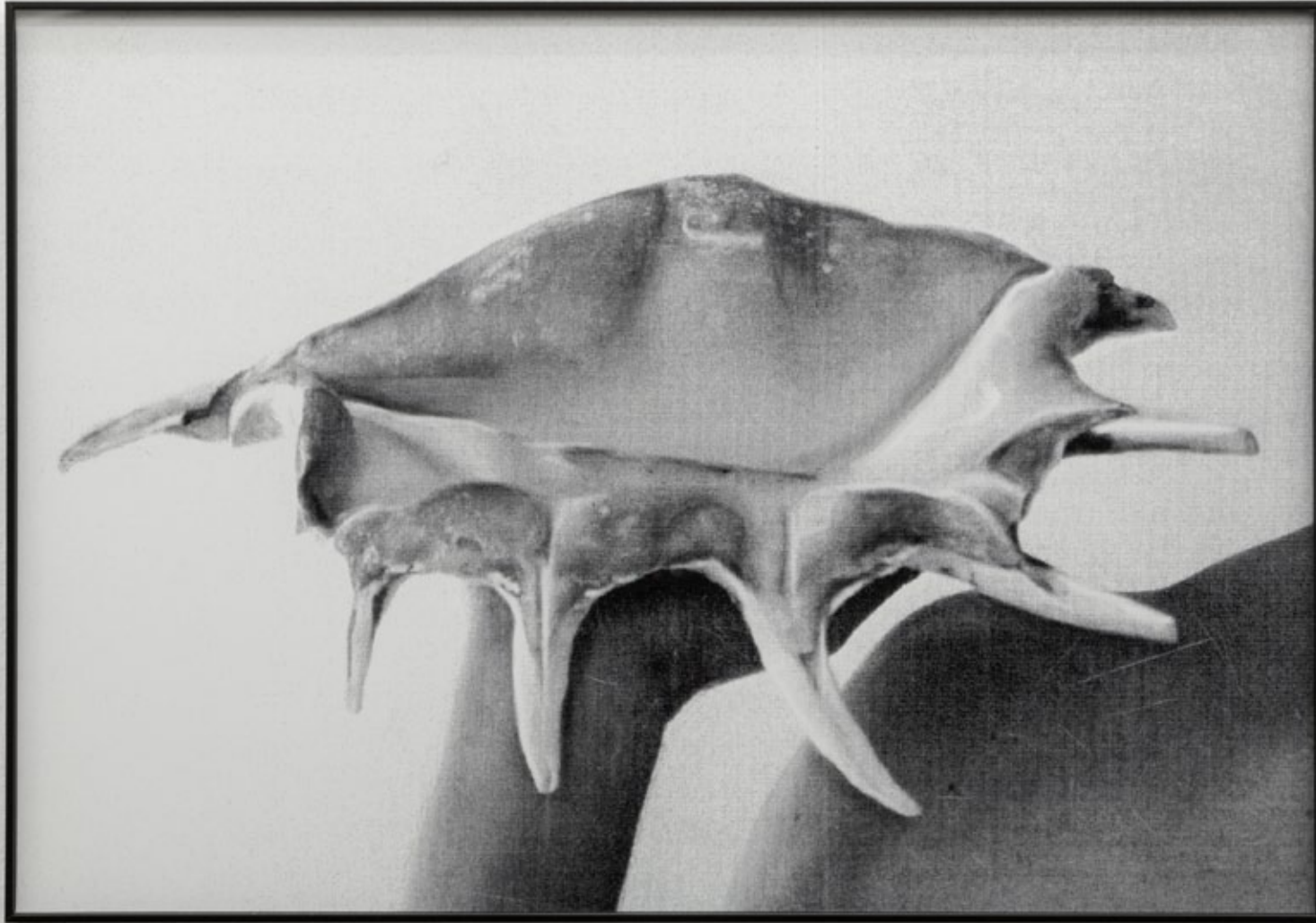




Shell (mineral eroticism) 5, 2015

C-print

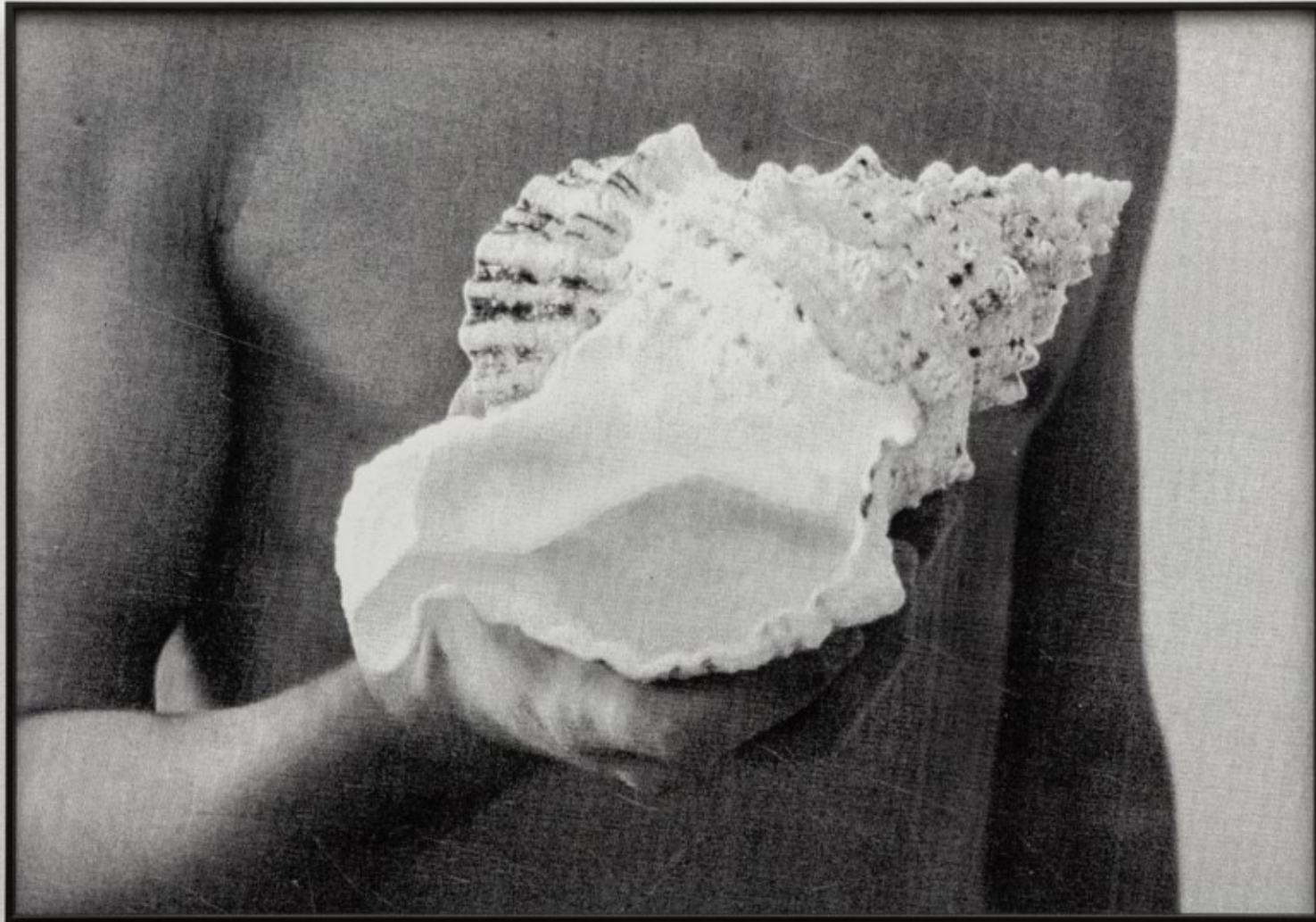
62.5 × 75 cm



Shell (mineral eroticism) 3, 2015

C-print

62.5 × 75 cm



Shell (mineral eroticism) 4, 2015

C-print

62.5 × 75 cm

André Romão
1984 (Lisboa, Portugal)

André Romão nasceu em Lisboa, Portugal, em 1984, onde vive e trabalha.

O seu trabalho tem lidado com os aspectos humanos ocultos nos sistemas culturais e económicos de produção, explorando o confronto de micro e macro-estruturas na sociedade contemporânea através de uma pesquisa nos campos da economia, erotismo, violência e apropriação.

Publicou recentemente, por ocasião da exposição “Europe, Europe” no Astrup Fearnley Museet em Oslo, a sua primeira compilação de textos.

Uma seleção das suas exposições individuais inclui: The Green Parrot, Barcelona (2015); MACRO – Museo d’Arte Contemporanea, Roma (2014); Middelheim Museum, Antuérpia (2012); Galleria Umberto di Marino, Nápoles (2011); Kunstlerhaus Bethanien, Berlim (2010) e Kunsthalle Lissabon (2010).

O seu trabalho tem sido incluído em exposições coletivas em instituições e galerias tais como: Astrup Fearnley Museet, Oslo (2014); Museu de Serralves, Porto (2013 e 2010); Galerie Kamm, Berlim (2013); PhotoCairo 5, Cairo (2012); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2010); Galeria Pedro Cera, Lisboa (2009); Spike Island Art Center, Bristol (2008), entre outros.

É co-editor do Atlas Projectos desde 2007.

André Romão was born in Lisbon, Portugal, in 1984, where he lives and works.

His practice has been dealing with the human aspects hiding in cultural and economical systems of production, exploring the confrontation of macro and micro structures in contemporary society through an ‘against the grain’ research on economics, eroticism, violence, and appropriation.

His first major selection of writings was recently published on the occasion of the exhibition ‘Europe, Europe’ at the Astrup Fearnley Museet in Oslo.

A selection of his solo exhibitions includes: The Green Parrot, Barcelona (2015); MACRO – Museo d’Arte Contemporanea, Rome (2014); Middelheim Museum, Antwerp (2012); Galleria Umberto di Marino, Naples (2011); Kunstlerhaus Bethanien, Berlin (2010) and Kunsthalle Lissabon (2010). And his work has been featured in group exhibitions in institutions and galleries such as the Astrup Fearnley Museet, Oslo (2014); Museu de Serralves, Oporto (2013 and 2010); Galerie Kamm, Berlin (2013); PhotoCairo 5, Cairo (2012); Fundação Calouste Gulbenkian, Lisbon (2010); Galeria Pedro Cera, Lisbon (2009); Spike Island Art Center, Bristol (2008), among others.

André has been the co-editor of Atlas Projectos since 2007.